

## REINALDO MOURA: A BUSCA DO AZUL

Lisana Bertussi

(Comentário baseado no livro de Poemas OUTONO, edição da Livraria do Globo, 1936)

No prefácio de Outono, seu livro de poemas, Reinaldo Moura faz algumas reflexões críticas com relação ao fazer poético que, embora afirme não se referirem ao conteúdo do livro, parecem ligar-se coerentemente com a realização dos poemas apresentados a seguir.

Diz o autor: "Raramente é possível realizar uma aliança ardente entre a expressão da palavra e o sentido da onda vital que teve o seu instante de supremacia em nosso espírito e se desfez depois para sempre como a luz de uma figura de sonho, no caos do inimaginável."<sup>1</sup>

Ou ainda: "Além de revelar um momento fixado para sempre na cristalização do texto literário, a poesia sugere. O poder de sugerir está em função do momento fixado."<sup>2</sup> Ou: "Quando o escritor está criando-quando está vivendo a ilusão de criar-todas as figuras de seu mundo interior que pareciam amortilhadas pela indiferença do esquecimento emergem do seu inconsciente e procuram abrir um caminho para a consagração de um momento de luz."<sup>3</sup>

Estamos, sem dúvida alguma, diante de colocações teóricas da criação poética simbolista. Esta tentativa de captar e expressar momentos de sensações fugazes e fugidias é justamente a de procurar estabelecer uma nova lógica diante de um mundo real decadente.

Utilizar o processo de sugestão da magia verbal é um esforço para recriar o que Marleau Ponty chamou a "palavra falante",<sup>4</sup> isto é a palavra como fonte inesgotável de significação. É tentar

restabelecer o valor do símbolo que a sociedade de consumo esqueceu.

Não parece casual, o fato de Reinaldo Moura dividir este livro de poemas em duas partes: "Momentos" e "Poemas de Ontem". Na primeira, apresenta poemas que tem como cenário o campo ou como ele chama "minha chácra" e na segunda, já o pano de fundo é a cidade.

Em "Momentos" vamos encontrar um Reinaldo Moura que faz poemas fluídos, tão flutuantes como o são os estados de alma ou como "De um primeiro cigarro o incenso, entre meus dedos.

Sobe e na hora macia, em torno, esvoaça."<sup>5</sup>

Já em "Poemas de Ontem" encontramos versos mais endurecidos por um cinismo amargo diante da vida desumana da cidade e teremos poemas como ele mesmo chamou "Poeminha de cimento armado", caracterizando assim sua fase, não mais simbolista, que é a de "Momentos", mas já prenunciadora do modernismo.

1. Do Prefácio de "Outono", pág. 8
2. Idem, pág. 9
3. Idem, pág. 13
4. Ponty, Merleau, Fenomenologia da Percepção
5. De "Momento", pág. 30

Já no primeiro poema do livro que dá nome a 1.ª fase, O momento é configurado metaforicamente como nos versos:

"Outono

O teu momento azul é o extase do mundo."<sup>1</sup>

As vivências de momentos como este, de luz, de evasão, vão aparecer em grande parte dos poemas desta primeira fase. E o que é interessante notar, é que estas estarão sempre representadas, no círculo paisagístico que envolve a chácara, e não raro pela nuança azul ligada sempre à metáfora simbólica do momento de poesia.

"Um sino canta como um coração  
Dentro do corpo da manhã doirada  
Voa no azul a vida enamorada  
Pelo seu próprio instante de ascensão."<sup>2</sup>

Ou

"A volúpia de estar sozinho entre as paineiras  
neste recanto em flor  
A água, próximo, canta entre as pedras escuras  
Sob o verde tranqüilo das avencas,

há manchas cor de rosa no cristal azul do ar

Recanto de minha chácara."3

1. De Momentos, pág. 19
2. Idem, pág. 20
3. Idem, pág. 21

Mas embora estes momentos existam para o poeta e surjam com relativa frequência, há a consciência de que são efêmeros e um esforço em cristalizá-los.

Veja-se como o momento outonal está presente nesta primeira fase e basta por exemplo, abrir uma janela para talvez encontrá-lo.

"Então, fatigado lento, abriste uma janela,  
E a luz doente e febril de um crepúsculo entrou  
Doirando de violeta e penumbra varia  
Da tua vida  
Lá fora andava a hora brumal do outono."4

Mas o momento é fugaz:

"A vida meu amor na eternidade  
Dura talvez menos que o sortilégio  
Das rosas que amanhecem  
Encharcadas de aurora  
Vivem a vida ardente de uma hora  
Hora de plenitude como a nossa."5

4. Idem, pág. 27
5. Idem, pág. 24.

Já na segunda parte do livro "Poemas de Ontem", representantes da vida urbana do poeta, os momentos azuis vão escasseando de tal forma que o esforço do poeta para vivê-los é muito maior.

Do poema "Ingenuidade":

"Aqui no último andar do arranha-céu  
A sede de azul das minhas retinas  
Paira por cima das neblinas."1

Do "Poeminha de cimento armado"

"Na redoma dos crepúsculos urbanos  
.....  
Poeiras de ouro na luz que amadurece  
Descem do último vôo azul do céu da tarde"2

Do poema "Evocação do poeta morto"

"Poeta!

Passa e contempla este recanto.

Este trecho onde o sol da tarde que vai alta

Emborca a sua tranqüila e rutila redoma."3

Note-se que este esforço do poeta por cristalizá-los está representado nos dois últimos poemas pela metáfora **redoma**, que é muito significativa quando se observa que na primeira fase basta abrir a janela para colher o momento.

Os habitantes das cidades amam os bares, porque criadores de momentos falsos. Também Reinaldo Moura coloca o bar como uma pequena ilha de evasão, como um resquício de luz, mesmo que artificial.

Veja-se:

Do poema n.º 9

"Na ilha flutuante

Sob o esmalte macio fluvialmente oscilante

Pleno oceano, abismal

A segurança maciça oscila.

A ilha flutuante de cimento

O bar de fósforo éclatant"4.

Mas a cidade nova ocupou o lugar da velha chácara, que o poeta lembra com saudade, em "Noturno da cidade nova":

"Sentimos a ingênua graça da cidade

Que ainda era quase colonial.

A cidade que foi menina e moça

E viveu na ternura de três sonhos,

No incenso azul de três novenas,

Como uma cidade de vitral"5.

1. De Poemas de Ontem, pág. 43
2. Idem, pág. 60
3. Idem, pág. 57
4. Idem, pág. 65
5. Idem, pág. 79.

E é no primeiro poema de "Poemas de Ontem", que Reinaldo Moura vai matar na memória a sede de azul destes tempos.

Do poema "Em busca de uma primavera urbana"

"Este estio. Esta sesta. A modorra.

O mormaço.

Um bonde lento a preguiçar na rua longa, sem fim.



As árvores coitadas.  
Estão todas cansadas

.....  
Todas as casas modorram  
Alinhadas no urbanismo cinzento  
Onde não há nenhum jardim.

.....  
"Um póste de parada  
Um velho gradil cheio de trepadeiras.  
Um portão patriarcal:  
É aqui a antiga chácra das Painéiras.  
Um casarão azul de estilo colonial."

.....<sup>1</sup>.

Também aqui a nuance azul vem mascarar ou talvez melhor, disfarçar o momento azul, o momento outonal da primeira fase, na cor das paredes de uma velha casa colonial.

Mas na cidade é tão absurdo buscar o azul, que o poeta des-creditoado desenrola um lamento representado no poema "Labirinto musical":

"Todo mundo diz que eu estou louco  
Por isso me encarceraram aqui,  
Neste quarto branco com o olhar dos habitantes desta casa  
As janelas todas têm grades de ferro,

.....  
Sabe porque foi que me prenderam?  
Eu andava à procura da minha música

.....  
..... A minha música .....

.....  
A música que uma vez exprimiu a grandaza,  
A glória,  
O élan,  
O voo,  
O incenso do meu sonho  
A música profunda e triste  
Como um suspiro longo  
Da dor universal cristalisada em mim

.....  
Uma música azul — bem azul, eu a sinto."<sup>2</sup>

1. De Poemas de Ontem pág. 33

2. Idem, pág. 35, 36, 37 e 38.

## BIBLIOGRAFIA

Moura, Reinaldo. OUTONO, Edição da Livraria do Globo, 1936.  
Barcellos, Bertaso & Cia. Porto Alegre.

## BIBLIOGRAFIA AUXILIAR

Muricy, Andrade. PANORAMA DO MOVIMENTO SIMBOLISTA BRASILEIRO, Coleção de Literatura Brasileira, n. 12, V. LI e 2, I.N.L., MEC, 2.<sup>a</sup> ed. 1973.

Moisés, Massaud. O SIMBOLISMO; Coleção: A Literatura Brasileira, V. IV, Cultrix, 2.<sup>a</sup> edição 1967.

Coutinho, Afrânio. SIMBOLISMO. IMPRESSIONISMO. TRANSIÇÃO; Coleção: A Literatura no Brasil, V. IV, Editorial Sul Americana S.A. 1969.

## ANTOLOGIA

O repouso do mundo...  
Este céu claro...  
Esta serenidade comovida...  
Nas árvores, como uma despedida.

A morte doirada sobre a luz imóvel,  
Sobre a glória dos gaihos,  
Sobre a neve aromal do jasmineiro em flor.

Outono  
O teu momento azul é o êxtase do mundo.

Momentos — pág. 19

Esta hora que vai sair do casulo cinzento  
Do tempo.  
Este instante de silêncio na vida.  
Este minuto mortalmente sereno  
Que é madureza e morte.

Madrugada!

Uma asa de carmim cortou a neblina suspensa.  
Caiu do alto um pólen doirado,  
Este instante...  
O silêncio do mundo.  
O sono longo encasulado nas penumbras.  
Madrugada...  
E se o mundo morresse agora,

E se eu aqui, nesta vidraça de oiro  
Que dá para os jardins,  
Ficasse imóvel para sempre como uma estátua?

Momentos — pág. 22

As rosas amanhecem...  
Olha como elas, religiosamente,  
Entreabrem na sombra o segredo tranqüilo  
De um triunfo escarlate de beleza!  
E essas, nevadas,  
Como coágulos tenros de luar,  
Esquecidos aqui pelo sonho noturno.  
E esses milagres de ouro se entreabrindo,  
E esses pequenos corpos curvos,  
Sensuais e frescos como madrugadas.  
— São as rosas rajadas!  
A vida, meu amor, na eternidade,  
Dura talvez menos que o sortilégio  
Das rosas que amanhecem,  
Encharcadas de aurora,  
Vivem a vida ardente de uma hora,

Hora de plenitude como a nossa.

Momentos — pág. 24

Descerrante as pálpebras pisadas  
E tiveste, no ouro profundo e acesso das reínas  
O espetáculo imóvel, repousado,  
Das formas vagas na penumbra.  
Perguntaste a ti mesmo:  
— Que hora clara e triunfante,  
Que hora sombria e profunda,  
Cobrirá neste instante a beleza do mundo?  
Então fatigado e lento, abriste uma janela,  
E a luz doente e febril de um crepúsculo entrou  
Dourando de violeta a penumbra vazia  
Da tua vida.  
Lá fora andava a hora brumal do outono,  
Uma neblina amortalhando árvores velhas,  
Como um incenso sobre o mundo.

Então, fechaste a tua janela,  
E de novo buscaste os braços do teu sono.

Momentos — pág. 27

Há paineiras em flor dentro da madrugada  
Na bruma azul amortalhando a umidade do luar.  
De um primeiro cigarro o incenso, entre meus dedos  
Sobe, e na hora macia, em torno, esvoaça.

O mundo ma'inal tem um silêncio n'alma,  
Tudo é serenidade e êxtase ao nascer.

Momentos — pág. 30

## O U T O N O

Um verso triste baila na memória  
Do homem que vai chegando ao fim da vida.  
Outono.  
A tarde de ouro e incenso é um funeral distante,  
Que se afasia entre púrpuras de glória.

Um verso triste baila na memória  
Do homem que já não tem esperanças na vida.

Na estrada em flor, entre caçóilas brancas,  
Ascensões jasmínicas relembram vagamente  
As horas claras de alegria,  
As horas tempestuosas de amor,  
As horas profundas dos triunfos  
Do homem que vai chegando ao fim da vida.

Um sino, ao longe,  
Numa torre nevoenta, esguiamente erguida  
Sobre a cinza do crepúsculo.

Como é lento o cair destas tardes de Outono  
Sobre a saudade dolorosa de uma vida!...

Poemas de Ontem — pág. 50

## N E B L I N A

As ruas são canais onde a bruma repousa.

Sinto a cidade lentamente adormecida  
Sob uma bruma incolor.  
Vive o silêncio da neblina sobre a vida.  
Paíra uma cinza sobre a morte do decor.

Sinto a cidade lenta e fluida numa bruma  
Através de duas lâminas de vidro  
Do vidro verde dos meus olhos de doente,  
Da longa lâmina incolor da vidraça do bonde.

Paíra uma cinza circular sobre os cenários  
Urbanos.

Paira a neblina da distância sobre as ruas,  
Tudo é vago vapor no medo fantasmal.

Baila em torno de mim a cidade sem vozes,  
E a minha sensação, nesse contato curvo,  
Sente sombras de aquarium,  
No movimento lento do cenário.

As ruas, em redor, são túneis de nevoeiro,  
Onde o vermelho fósforo dos tramwais  
Deixa, ao passar, visgos de rutilância.

As sombras, na neblina, são meduzas.

Poemas de Ontem — pág. 39